

FH põe freio na abertura da economia

■ Presidente diz que Collor foi precipitado ao iniciar processo e rejeita pressão dos EUA para que se acelere eliminação de barreiras

Londres — Folha Imagem

CRISTIANO ROMERO

Enviado especial

LONDRES — O presidente Fernando Henrique Cardoso reconheceu ontem, pela primeira vez, que o processo de abertura da economia brasileira se deu de maneira precipitada e, em determinados setores, equivocada, trazendo dificuldades para o país. Fernando Henrique responsabilizou o governo do ex-presidente Fernando Collor pelo aprofundamento na abertura e mandou um recado ao Estados Unidos, que vêm pressionando para que o Brasil acelere a abertura para a criação do Acordo de Livre Comércio das Américas (ALCA).

“O ritmo das transformações e aberturas tem que ser negociado. No passado, o Brasil se precipitou em algumas áreas e os resultados não são tranquilos. No governo do presidente Collor, não discutimos nada, ponto a ponto, sobre o que ia acontecer”, disse, depois de desembarcar no aeroporto de Heathrow, às 20h30 (horário de Brasília) de sábado, para visita de seis dias à Inglaterra, à Itália e ao Vaticano.

Iniciada em 1990, a abertura da economia sempre foi considerada, inclusive, pelos economistas que criaram o Plano Real sob o comando de Fernando Henrique, um dos únicos pontos positivos do governo Collor. Dois dos formuladores daquela política são muito ligados ao presidente: o economista Winston Fritsch, que foi secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda; e o atual ministro do Planejamento, Antônio Kandir, que em 1990 ocupava o mesmo cargo.

Na atual equipe de governo, pelo menos um ministro — Francisco Dornelles, da Indústria, Comércio e Turismo —, tem criticado abertamente a velocidade da abertura, polarizando opinião com o diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central, Gustavo Franco, defensor confesso não só da manutenção, mas também da ampliação do grau de exposição da economia nacional à concorrência estrangeira.

Subsídios — O discurso do presidente não mudou apenas em relação à abertura. Ontem, Fernando Henrique atacou o fim abrupto dos subsídios, como o do setor de carvão, também promovido por Collor. Ele lembrou que Collor acabou com o subsídio à produção de carvão em Santa Catarina, em 1991.

“Fui agora a Santa Catarina inaugurar uma usina termelétrica que usa carvão. Com o fim do subsídio, acabou toda a produção da região e aquilo entrou num colapso muito grande”, criticou.

O presidente não esperou a conferência *Link into Latin America*, na qual discursará hoje como convidado de honra do primeiro-ministro da Inglaterra, John Major, para criticar também os blocos econômicos regionais, que estariam se transformando em “fortalezas”, impedindo a entrada de produtos brasileiros na Europa e nos Estados Unidos.

“Somos favoráveis aos blocos regionais, como o Mercosul e a União Europeia, com a condição de que sejam abertos e não sejam fortalezas para dificultar o comércio”, disse Fernando Henrique. O presidente lembrou as dificuldades que o país vem tendo para exportar produtos agrícolas para a Europa, mas ressaltou que a intenção do Brasil não é fechar sua economia.

“Não se trata de rechaçar. Ao contrário, queremos liberalizar e criticamos os países que não estão liberalizando”, explicou. “Em questões comerciais, sempre há um dá-cá-toma-lá”.

É exatamente reciprocidade que o Brasil pretende buscar em questões como a do Acordo sobre Tecnologia da Informação (ITA), proposto pelos Estados Unidos e que prevê a abertura total do mercado na área de informática e telecomunicações. Até o momento, o governo tem sido contra a adesão do Brasil a esse acordo por considerá-lo excessivamente liberalizante para a atual realidade brasileira.

O presidente explicou, porém, que é possível fazer uma compensação com outros setores, o que evitaria que, nesse caso específico, o fechamento do mercado prejudicasse o desenvolvimento tecnológico das outras indústrias. “Às vezes não é nesse setor (o de informática) que se faz a compensação, é em outros. Então, esta é uma posição madura”, assinalou.

Reformas — Em outro recado, este para o Congresso Nacional, Fernando Henrique avisou que fará “tudo o que puder” para aprovar, ainda neste semestre, as reformas administrativa, previdenciária e fiscal. “Não há nada, nada que justifique postergar além deste semestre o término dessas reformas”, disse. “Ainda faltam um turno na Câmara e dois turnos no Senado para aprovar a emenda da reeleição, mas não há por que paralisar as outras reformas. Então, não é para perder mais tempo. Mãos à obra!”



O presidente e sua comitiva almoçaram no restaurante *The Waterside*, distante 40 minutos de Londres e à beira do Rio Tâmisa, por indicação do embaixador Rubens Barbosa